

PARA ACABAR COM OS ASSASSÃ•NIOS DE TODAS AS JOANAS DE PORTUGAL E DO MUNDO

07-Sep-2010

OpiniÃŁo

Texto de Carlos Vieira e Castro

O que ÃŁ que leva um jovem com 22 anos, estudante de Engenharia do Ambiente no Instituto PolitÃ©cnico de Viseu, a matar a namorada esfacelando-lhe o crÃ¢nio com uma marreta? CiÃºme, ÃŁ a suspeita mais vulgar. â€œDoenÃ§a do foro psiquiÃ¡tricoâ€• ÃŁ a explicaÃ§ÃŁo que a defesa normalmente apresenta em tribunal. Segundo a jornalista do â€œPÃºblicoâ€•, teve acesso ao processo, a defesa de David Saldanha, o assassino de Joana FulgÃªncio, apresenta uma â€œcronologia com vÃ¡rias idas a psicÃ³logos e psiquiatras, desde a adolescÃªncia. E diferentes diagnÃ³sticos; transtorno depressivo recorrente; dificuldade em lidar com situaÃ§ÃŁes de dano, ameaÃ§a ou desafio; esquizofrenia.â€•

Ã

A provar-se doenÃ§a mental, a pena mÃ¡xima que a mÃŁe e as amigas da Joana reclamam (em cartazes e postais espalhados pela cidade), da JuÃza que hoje mesmo comeÃ§a a julgar David, pode nÃŁo ser a sentenÃ§a do Tribunal de Viseu, que poderÃ¡ considerar diminuiÃ§ÃŁo da imputabilidade ou mesmo inimputabilidade. No entanto, o MinistÃ©rio PÃºblico acusa David Saldanha de â€œhomicÃ­dio qualificadoâ€•, jÃ¡ que teria agido de forma consciente e premeditada. Isso, agravado com o crime de ocultar o cadÃ¡ver (atirou o carro para a barragem de Fagilde, pode dar origem a uma pena de 16 a 25 anos de prisÃŁo.

Das reportagens publicadas nos jornais ficÃ¡mos a saber que Joana, que tinha 20 anos em 17 de Novembro do ano passado, quando foi brutal e cobardemente assassinada, tinha uma paixÃŁo obsessiva por David, que jÃ¡ nÃŁo corresponderia com o mesmo entusiasmo ao fim de cinco anos de namoro. No entanto, aparentemente, David considerava-a jÃ¡ sua â€œpropriedadeâ€• e queria continuar a controlar a sua vida, a maneira de vestir e os prÃ³prios amigos. Quando Joana ameaÃ§ou acabar o namoro, David terÃ¡ pensado como muitos dos assassinos de mulheres: â€œSe nÃŁo fores minha, nÃŁo serÃ¡s de mais ninguÃ©m!â€•. HÃ¡ quem lhe chame â€œcrime de honraâ€•.

Reparem na rapariga da foto ao lado do da bela Joana. Chama-se Aisha, tem 18 anos, e apesar do nariz mutilado, vÃ¡-se que ÃŁ igualmente bela. Aisha teve o azar de nascer no AfeganistÃŁo, paÃ­-s atrasado, com tradiÃ§ÃŁes primitivas. O seu pai entregou-a a um taliban quando ela tinha dez anos, juntamente com a sua irmÃŁ mais nova, para pagar uma â€œdÃ¡-vida de sangueâ€• de um tio. Teve uma vida de escrava, dormia com o gado e era espancada. Por ter ousado fugir, foi presa. Por ter envergonhado o marido, fazendo-o â€œperder o narizâ€• (expressÃŁo usada na cultura â€œpashtunâ€•), este cortou-lhe as orelhas (talvez para nÃŁo voltar a ouvir o apelo da liberdade e/ou do amor).

No IrÃŁo, na NigÃ©ria e noutros paÃ­ses muÃ§ulmanos hÃ¡ mulheres que sÃŁo condenadas Ã morte por apedrejamento, pela simples suspeita de adultÃ©rio ou por terem engravidado fora do casamento, mesmo que estejam divorciadas.

Noutros paÃ­ses do MÃ©dio Oriente, mas, sobretudo, em Ãfrica, todos os anos, cerca de 2 milÃŁes de meninas e raparigas sÃŁo vÃ¡timas de mutilaÃ§ÃŁo genital feminina, ficando incapacitadas de experimentar, para o resto da vida, o prazer sexual, atravÃ©s da remoÃ§ÃŁo total ou parcial do clÃ¡toris e da excisÃŁo.

Os homens sempre deitaram mÃŁo das leis civis e religiosas para imporem e manterem a dominaÃ§ÃŁo sobre as mulheres. NÃŁo ÃŁ por acaso que o Vaticano publicou no passado dia 14 de Julho as Novas Normas sobre os Delitos Mais Graves, segundo as quais uma mulher que seja ordenada no sacerdÃ³cio serÃ¡ automaticamente excomulgada, o que poderÃ¡ nÃŁo acontecer a um padre que cometa o crime de pedofilia.

Por outro lado, a hierarquia catÃ³lica, ao continuar a penalizar os divorciados e a defender o casamento â€œatÃ© que a morte vos separeâ€•, estÃ¡ a legitimar o sentimento de propriedade privada com que muitos homens justificam os maus tratos e atÃ© a morte das mulheres â€œâ€œse nÃŁo fores minha, nÃŁo serÃ¡s de mais ninguÃ©mâ€•. HÃ¡ excepÃ§ÃŁes como a do BiliÃ¡dio Leandro, que considera que um casamento ÃŁ nulo quando deixar de existir amor ou houver violÃªncia na relaÃ§ÃŁo.

Este ano jÃ¡ foram assassinadas pelos maridos, namorados ou ex-companheiros, 13 mulheres, sÃ³ atÃ© 30 de Julho. Apesar da violÃªncia domÃ©stica passar a constituir crime pÃºblico desde 2000, e aumentarem as queixas, sÃ³ estÃŁo 59 homens a cumprir pena de prisÃŁo, sendo que destes sÃ³ 8 entre seis e nove anos e apenas 4 cumprem penas entre os

os quinze e os vinte anos de prisÃŁo, por homicÃ­dio.

Em Espanha há juízes e tribunais especializados e os agressores ficam sempre presos preventivamente, independentemente da gravidade da agressão. Um tribunal da Finlândia condenou um homem a uma multa de 3.000 euros por ter chamado «evaca» e outros improprios à ex-mulher. Em Portugal, os juízes apenas decidiram usar 9 das pulseiras electrónicas recentemente disponíveis para impedir que os agressores se aproximem das vítimas.

Um estudo da Universidade do Minho concluiu que a violência no namoro entre jovens, dos 15 aos 25 anos, atinge níveis tão preocupantes como os dos adultos. O caso, ocorrido em Novembro do ano passado, de uma jovem estudante morta à facada pelo ex-namorado, em Castelo Branco, ambos a fazer doutoramento, e o de outra jovem degolada pelo ex-namorado, ambos estudantes de Engenharia Civil, em Coimbra, mostram que o problema não é de falta de instrução, mas de falta de Educação. Educação Cívica (igualdade, liberdade, fraternidade), Educação Sexual (afectos, conhecimento, respeito), Educação Parental (respeitar as orientações sexuais dos filhos, para não criarem seres paranoicos, doentes mentais aparentados aos esquizofrénicos, com delírios de perseguição e ciúme, mas lúcidos e conscientes, que Freud atribuiu ao recalçamento de tendências homossexuais, levando a libido, impedida de se satisfazer no objecto exterior, a voltar-se para o próprio EU, tornando-se narcísica, e provocando a transformação da angústia/ frustração em ódio).

Os pais, os professores, os juízes, os técnicos do Estado (assistentes sociais, mediadores culturais, polícias, etc.) não podem continuar a reproduzir as relações de dominação patriarcais. A violência doméstica é uma vergonha nacional. É urgente exigirmos mais justiça, mais prevenção, mas contribuirmos também para o esforço colectivo para a mudança de mentalidades.

À

Texto e imagem por Carlos Vieira e Castro no Jornal Via Rápida